

QUANDO JUDITE ENTROU NA MORTE: UM ESTUDO DO ROMANCE *ALEGRES E IRRESPONSÁVEIS ABACAXIS AMERICANOS*

Antonio Carlos Borges Martins¹

RESUMO

Esta comunicação analisa as relações entre aids, vida e suicídio presentes no romance **Alegres e irresponsáveis abacaxis americanos**, do escritor Herbert Daniel. Verifica como o texto de ficção desenvolve esta problemática na década de 1980, anos do advento da epidemia da aids, período em que acontece a história narrada e também em que o romance é escrito (1987). Investiga como a obra representa a epidemia da aids e seu enorme impacto provocado em nossa sociedade. Problematisa ainda a religião, mais especificamente as discussões que tratam, das então denominadas “Igreja dos pobres” e “Igreja tradicional” naqueles anos. A pesquisa está ancorada na teoria psicanalítica freudiana, em uma interlocução com temas filosóficos – em especial o suicídio – e o Campo Religioso Brasileiro. A análise realizada firma-se ainda na leitura da crítica literária. Salienta-se, entre os achados do estudo, o caráter de conflito permanente encontrado na aids naqueles primeiros anos, a angústia dos sujeitos infectados pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) e de um lado a ausência de atenção e de compaixão das pessoas mais próximas dos acometidos pela aids, e de outro a sensibilidade, solicitude e solidariedade de pessoas não pertencentes ao grupo familiar ou de amigos daqueles sujeitos. Compreende-se, a partir das discussões, que o suicídio é multidimensionado e multideterminado. Os diálogos e ações surgidas desde um suicídio, aparecem na narrativa como fruto de reflexões sobre o viver e conviver, gerando assim ressignificações das vidas de personagens identificadas com a solidariedade para com as pessoas vivendo com HIV/aids (pvha).

Palavras-chave: Aids. Vida. Suicídio. Campo religioso brasileiro.

¹ Mestre em Psicologia. Mestre em Letras/Literatura Brasileira. Professor da Fundação de Ensino Superior de Cajazeiras – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras.

QUANDO JUDITE ENTROU NA MORTE: UM ESTUDO DO ROMANCE *ALEGRES E IRRESPONSÁVEIS ABACAXIS AMERICANOS*

Publicado em 1987, o romance **Alegres e irresponsáveis abacaxis americanos**, do escritor mineiro Herbert Daniel, explora o advento da epidemia da aids fazendo emergir na narrativa de ficção diversos temas que, na realidade brasileira daqueles dias representavam novos e antigos problemas. Nele, encontram-se questões do tipo: convivência, direitos humanos, ética, educação, etnia, identidade cultural, política, pobreza, marginalização, processo de inclusão social, sexualidade e homossexualidade, homofobia e aidsfobia, relações de gênero, arte, censura, saúde/doença, direitos reprodutivos, aborto, morte, suicídio, ecologia, adolescência, vida adulta, terceira idade e senilidade, violência, drogas, campo religioso brasileiro, subjetividade, dentre outros.

A narrativa apresenta um grande número de personagens (não contaminados pelo vírus da imunodeficiência humana, HIV, mas pela problemática da síndrome da imunodeficiência adquirida, aids). Ali são contempladas personagens de ambos os sexos, faixas etárias, etnias e atuações profissionais diversas, destacando a coletividade em suas variadas cores, com seus valores morais e éticos, ideologias, etc.

Nos fatos narrados, por vezes, surpresas bem humoradas, quase sempre exposição de pânico e atos obsessivos, frutos de preconceitos antigos, medos recentes e prognósticos sombrios. Outras vezes, o foco é a convivência entre vizinhos e são salientados monótonos diálogos ou mesmo acirradas discussões provocadas pelas problemáticas da aids. Alegrias, tristezas, solidão, mágoas, amores, esperanças e sonhos funcionam no enredo como marcadores dos vínculos e afastamentos na relação sujeito-comunidade.

A cidade, primeiro ninho da epidemia, espaço onde aids, vida e morte aparecem como questão através de imagens socialmente estereotipadas, grupos estigmatizados (homossexuais e usuários de drogas) e de contrainformações geradas não apenas pela epidemia fruto da ação e multiplicação do vírus biológico, mas como bem afirmou Herbert Daniel (1989), por outra, daquela vinda da contaminação pelo vírus ideológico, capaz de promover o pânico na comunidade e condenar à morte, pessoas infectadas pelo HIV.

Uma vila por trás de um casarão próximas de uma favela compõe o cenário de quase toda a narrativa. No casarão reside uma senhora viúva portuguesa com seus familiares. Na vila, uma diversidade enorme de moradores. Nela e no casarão a vida segue seu curso normal comportando acontecimentos que evidenciam amores, vícios, convivência, virtudes, cordialidade, diálogo e solidariedade percebida, por exemplo, na dedicação de uma personagem ao cuidar de um doente ou na atuação de um grupo, buscando aliviar as dores da perda de uma viúva, no velório de seu marido, ou ainda, na disposição desse mesmo grupo em aprender com a vida, inclusive em seu derradeiro instante, a morte.

Escrever sobre o HIV, a síndrome, a epidemia, a vida e a morte, tendo ou não o vírus da aids no organismo, é compreender que

Fenômenos extremos são fenômenos históricos e a escritura da aids é um gênero inseparável da circunstância dos anos 80 do século passado e da maneira como tanto nossas visões naquele momento quanto nossas visões atuais daquele momento foram afetadas pelas transformações tecnológicas, ideológicas, existenciais ocorridas ao longo dos anos 90 e na virada de século. Toda literatura da urgência se radica numa circunstância singular, seja esta acontecimento, situação ou condição. Se abordo a situação da aids, minha atenção é também chamada pela circunstância histórica do acontecimento. (MORICONI, 2007).

Contemplados tais acontecimentos, faz-se mister voltar a atenção também para as metáforas na escrita da aids posto que, desde os anos oitenta do século passado, no discurso literário acerca da aids, encontra-se muito presente o jogo metafórico, e mais, a cada uma de suas enunciações, um novo discurso é inaugurado, e nele, aspectos distintos da problemática são acentuados.

Serão os acontecimentos, os jogos metafóricos e os discursos surgidos com o suicídio da viúva Judite, os conteúdos que analisaremos a seguir.

Aids, suicídio e convivência na narrativa de ficção de Herbert Daniel

Por mais que se deseje o contrário, não existe outro caminho, se nascemos inexoravelmente em um dado instante da vida, nos defrontaremos com a morte, todavia é somente vivendo que podemos observar a morte. Um morto só poderia fazê-lo em situações muito especiais, como o caso daquele que, ao narrar a vida,

parece matar a morte. Ele se nos apresenta não como um autor defunto, mas um defunto autor de **Memórias Póstumas de Brás Cubas** (ASSIS, s/d).

Salvo este tipo de exceção, a tarefa supramencionada se destina aos que estão na vida. Pensando nisto é que nos colocamos a caminho, investindo numa tentativa de refletir sobre algo apresentado na duodécima sequência, última do romance em análise, a morte da mulher do Nestor.

Se o narrador tece vários detalhes sobre o velório de Nestor, o mesmo não ocorre com o de sua mulher. Ela cometeu o suicídio, um suicídio quieto. Diante do suicídio, no Ocidente a ordem é a descrição, e mais, no Brasil há algum tempo é proibida a divulgação de notícias sobre este tipo de morte. Há mesmo os que afirmam que tal decisão tem contribuído notavelmente para a diminuição do número de casos.

Em outras culturas a relação com o suicídio e com a pessoa que o praticou é bem diversa da nossa. No Japão, o *Hara-Kiri* ainda em nossos dias é visto como uma maneira célebre de suicidar-se. É possível também mencionarmos os *Kami-Kasi*, suicidas também admirados pela coragem e determinação ou ainda pela capacidade de suas entregas por uma determinada causa.

Em algumas culturas há uma certa institucionalização do ato. Os esquimós mais velhos costumam suicidar-se. Entre nós, temos aqueles que decidem pelas chamadas greves de fome. Existe um costume hindu de aceitar o suicídio da viúva quando da incineração do corpo do marido (ANTONIAZZI, 1984). Na verdade a ação da mulher naquela ocasião na maioria das vezes, não tinha ou não tem nada do suicídio. Pressionada pela tradição que se faz carne nas pessoas de seus pais e dos pais do falecido, ela era e ainda hoje é forçada a morrer queimada ao lado do corpo do marido. Vale ressaltar que em nossos dias tal imposição feita pelas famílias é condenada como crime e para os culpados a prisão é prevista em lei.

O judaísmo com sua busca de libertação da infelicidade humana e o cristianismo com seu pensamento de que a salvação é algo que ocorre também agora e não apenas depois da morte, têm um posicionamento contrário ao suicídio. Uma vez que a vida vem de Deus, somente a ele é dado o direito de retirá-la, portanto, quem destrói a sua própria vida ofende gravemente a Deus.

Comunga com estes pensamentos de condenação o espiritismo kardecista. Ele também prevê para o espírito da pessoa que cometeu o ato grandes sofrimentos até que seja resgatado por um espírito superior que o conduzirá a um hospital

espiritual. Somente depois de passar por um período de tratamento naquele lugar é que terá uma nova oportunidade de reencarnação.

Abandonemos por enquanto nossos comentários e verifiquemos o que nos dá a conhecer o narrador sobre o suicídio daquela mulher. “No domingo à tarde, quente e elétrica, enquanto Félix faz a última oração no túmulo de Judite, Miro chega correndo, aproxima-se de la e discretamente lhe entrega um envelope mandado por Hermírio.” (DANIEL, 1987, p. 294).

O velório e o enterro da viúva já aconteceram. É sobre o túmulo que o padre Félix faz a última oração, o que nos permite apreender que outras orações foram realizadas e que possivelmente o corpo da morta foi encomendado a Deus.

O narrador nos apresenta um brevíssimo relato do final do sepultamento da filha de Rita e Prudêncio, contudo, faz-se necessário acrescentar o que ele nos informa no próximo parágrafo “[...] Rita está ausente. Não conseguiu vencer as tranquilizações dos médicos e dopada permanecerá até a manhã de segunda-feira.” (DANIEL, 1987, p. 294).

Diante do túmulo uma última oração é feita por Félix. Aqui uma pergunta: por que o padre francês e não o outro, Claudionélio, o brasileiro?

Em várias passagens da narrativa Rita discorda do francês e, às vezes, até mesmo faz críticas severas às suas ideias. No enterro do Nestor, por exemplo, quando Félix tentou ajudá-la a perceber que não deveria ser tão agressiva com as pessoas que cuidaram de sua filha durante todo velório, ela respondeu com um “Compreendo suas boas intenções. Agradeço. Mas eu preciso me defender, padre. A saúde não dá trégua. E a gente é obrigada a viver. É nossa maldição.” (DANIEL, 1987, p. 291). Vale salientar, as pessoas que cuidaram da viúva foram as mesmas que organizaram tudo para o velório, um quase grupo organizado odiado por Rita.

Rita sempre concordou com o pensamento do padre Claudionélio, era uma de suas colaboradoras, uma divulgadora de suas advertências, como nos é possível ver desde a primeira sequência do romance. Comentando sobre a aids e a presença dos homossexuais no velório de Gauderêncio, ela explica ao francês:

Padre, o padre Claudionélio, que é brasileiro, advertiu que os moralistas da cristandade têm que se cuidar. E esses coisões? Quem é que garante? [...] Padre, é um caso de língua estrangeira – ensina Rita. – Na França, pode ser como vocês quiserem, mas aqui fresco é perigoso. (DANIEL, 1987, p. 25).

Vemos que, a princípio, não seria o francês o escolhido para rezar pela alma de Judite, pelo menos se isto dependesse de sua mãe. Ao falar da morte de Judite, o narrador não tece comentário algum sobre Prudêncio, o pai da defunta. Parece que as iniciativas quanto às cerimônias fúnebres foram tomadas por Deli que contou com a assessoria de seus amigos e amigas, posto que seu nome, o de Val, Ia, Roi e Miro são citados pelo narrador. Assim, não é difícil compreender a presença e a atuação de Félix naquele ritual, uma vez que também ele sempre aparece associado àquele grupo de pessoas, compartilha de muitas de suas ideias e de seus ideais de solidariedade.

Lembremos que as cerimônias das quais estamos falando eram dedicadas a uma mulher suicida. Antoniazzi observou que sobre o suicídio a doutrina católica tradicional pode ser sintetizada em breves palavras:

[...] Trata-se de um crime gravíssimo, porque constitui uma deserção das obrigações morais, sociais e religiosas da pessoa humana. Do ponto de vista religioso, aliás, é muitas vezes interpretado como uma revolta contra Deus, senhor da vida. Alguns autores admitem até que o suicídio seja um pecado de menor gravidade entre os ateus, exatamente porque, para eles, não há essa dimensão de revolta. Manifestação pública da gravidade dessa culpa é a sanção canônica que veda a sepultura dos suicidas no cemitério eclesiástico (CF. CIC 1240). (1984, p. 222).

Aos sobreviventes das tentativas de suicídio o destino eclesial era a excomunhão, posto que o ato da retirada da própria vida deve ser publicamente condenado. Os vivos deveriam aprender com esta condenação pública e também com a proibição do sepultamento eclesiástico das pessoas suicidas.

Em Antoniazzi (1984), encontramos o enfoque de outra faceta do problema quando explica que, mesmo naquela doutrina monolítica, é possível detectarmos exceções quanto aos casos de suicídio. Recorda que tanto Agostinho, o bispo de Hipona, Santo e Doutor da Igreja, quanto o também Doutor e Santo Tomás de Aquino reconheciam pelo menos um caso de suicídio lícito, os quais explicavam ser fruto de inspiração do Espírito Santo. Citavam a decisão de uma jovem virgem em providenciar sua morte entre as águas do mar a cair nas mãos dos que a perseguiam. O autor registra também que noutros tempos era permitido aos católicos rezarem pela alma de quem cometeu o suicídio, contudo isto não deveria ser realizado publicamente.

Salientamos que o romance em estudo se passa na segunda metade da década de oitenta e temos um padre estrangeiro preocupado com questões sociais e/ou políticas, com causas como a prevenção da aids e cuidados e acolhimento às pessoas infectadas pelo HIV. É este o padre e não o brasileiro que encontramos rezando a última oração no túmulo da mulher que cometeu o suicídio.

Sabemos que as discussões sobre a aids realizadas no casarão promovidas por Hermírio, tornavam explícitas as divergências de compreensão do que era o vírus, a síndrome e a epidemia. De um lado o Dr. Polidoro e o padre Claudionélio davam ao assunto um tom moralista, preconceituoso, discriminatório e procurando ressaltar suas ideias como formulações científicas, portanto, essenciais para os posicionamentos diante da questão em pauta. Do outro lado estavam o padre Félix e o Dr. Leovegildo. Vejamos o que disse o padre brasileiro e, em seguida, o francês numa das reuniões no casarão, mais especificamente, naquela em que Polidoro apresentou sua teoria sobre a aids.

[...] É claro que a doença em questão é um nítido aviso da natureza contra os abusos cometidos contra a moral. É preciso meios para combater os corruptos, os perversos, os prostituídos, os pecaminosos. Acabemos com a promiscuidade, ou seja, com a infidelidade conjugal e teremos resolvido parte do problema. Mas não é apenas o adultério que é responsável por este flagelo que se abate sobre os pecadores. Temos de lutar contra os defensores da libertinagem, do sexo livre, do aborto, da pornografia... A Aids é um justo castigo aos infiéis.

— Sim, padre, é verdade — suspira Félix, desolado. — A moral cristã está abalada. Surpreende-me como, em nome da caridade, muitos falam com tanto carinho da doença, e com que violência condenam os doentes. (DANIEL, 1987, p. 226).

O padre francês e o Dr. Leovegildo enfatizavam a aids como uma doença possível de prevenção, acenavam para o cuidado das pessoas vivendo com hiv/aids (pvha) e ainda sugeriam as ações comunitárias como meio de se congregar prevenção da aids e assistência às pessoas doentes, afastando ou pelo menos tentando evitar as estigmatizações e com isto fazer brotar a solidariedade entre as pessoas.

As posições antagônicas dos sacerdotes nos autorizam a pensá-las, tomando como referencial o campo religioso brasileiro nos anos oitenta. De acordo com o sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira (1992), no período supracitado era fácil a percepção de, pelo menos, dois modelos de Igreja no Brasil e na América Latina, a Igreja tradicional ou conservadora e a então denominada Igreja dos pobres.

Félix, sacerdote da Igreja Católica Romana, não rompe com o Vaticano, embora tenha posturas e decisões que parecem longe de serem as oficiais da instituição, no caso das orações por Judite, não se trata de algo fora das possibilidades do clero naqueles dias.

Outro esclarecimento, as declarações do Concílio Vaticano II e com elas a denominada Reforma Litúrgica, parecem ter aberto brecha para novas reflexões acerca da problemática do suicídio, senão em documentos oficiais, pelo menos no cotidiano das comunidades católicas. Fez-se necessário também considerar, dentre outras questões, aquelas referentes à subjetividade da pessoa autora do ato. Diante destas explicações compreendemos que quanto às orações *in memoriam* de Judite, Félix agia em consonância com as possibilidades da Igreja de seu tempo, no entanto, percebemos nitidamente seu vínculo com a igreja dos pobres ou da libertação, como era denominada.

O silêncio da narrativa quanto ao posicionamento do padre Claudionélio diante do ocorrido deixa-nos suspeitar que simplesmente ele seguiu com seus pensamentos reacionários e preconceituosos, assumindo a doutrina católica tradicional.

Voltemos então ao que nos contou o narrador sobre a morte da mulher do Nestor.

Foi um suicídio quieto: Judite enforcou-se com uma corda delicadamente costurada com roupas de Nestor. Entupiu-se, em todos os buracos do corpo, de lembranças, principalmente os objetos de uso mais íntimo, de um marido que nunca amou realmente. Apenas partilhou os retalhos de convivência descosturada. (DANIEL, 1987, p. 294).

Mas o que é um suicídio quieto? No caso em questão, o enforcamento com uma corda preparada com roupas do marido que já morreu? Detalhe: peças delicadamente costuradas pela viúva.

Analisemos por parte, comecemos por esta ideia de suicídio quieto que nos foi apresentada pelo narrador. Na literatura brasileira encontramos alguns casos de suicídios que, à primeira vista, poderiam ser tomados como quietos, o da jovem Helena, do romance seu homônimo, do escritor Machado de Assis (1991), por exemplo, no entanto, ao dedicarmos um pouco mais tempo à questão, verificamos que a trama machadiana, como era de se esperar, não é tão simples.

Nos últimos dias de vida de Helena o que observamos é uma grande inquietação associada a um sofrimento a olhos vistos. A jovem que desde o início do enredo encontrou nas cartas um modo de registrar seu percurso, agora estava entregue ao seu dorido existir. Na verdade “não há nos outros romances de Machado de Assis tantas cartas peçadas de histórias.” (BESSA, 2004, p. 59). E Helena sempre soube tirar bons proveitos delas.

Angustiada e deprimida por não conseguir nenhum apoio em sua decisão de partir da casa de Estácio e Dona Úrsula, a moça só encontrava uma única alternativa – a morte. Ela, então, entrega-se à doença e daí à morte.

Vemos que a personagem Helena, não o romance, é romântica, encontra-se imersa no seu caos interior, na terrível angústia que, pouco a pouco, lhe suga as esperanças, donde o desespero e a morte (suicídio).

Se reconduzirmos nossa atenção para a morte de Judite, o que temos? Algo que o narrador nomeou suicídio quieto. Se Helena em seus derradeiros dias reúne todos em torno de si, Judite arquiteta, prepara delicadamente e executa seu plano na solidão. Não há carta, bilhete ou palavras soltas. Como costureira profissional que era, a viúva costura com zelo peças de roupas do falecido, transformando-as numa peça única, a corda de seu enforcamento. Algo não escrito, mas inscrito.

Que corda é essa? Por que tamanho cuidado em sua elaboração? O que queria registrar aquela mulher com tamanha dedicação ao instrumento com o qual faria sua entrada na morte, ou se acharem mais adequado, que usaria para pôr fim a sua vida? Resposta exata impossível, é preciso pensar naquelas roupas unidas com uma finalidade bem determinada, o suicídio por enforcamento.

É possível pensar a montagem do derradeiro momento de vida da viúva como uma fantasia de agressão às pessoas próximas sobreviventes numa tentativa de puni-las pelo mal que lhe causaram. A quem estaria ela endereçando aquela punição?

Conta a narrativa que,

Judite, sem rumo, corre, tenta encontrar uma solução entre as tumbas.
— Ele nem me deixava em paz, gente – grita. — Era machão demais. Era quatro vezes por noite, todas as noites. Uma mulher era pouco prá ele. Juro que ele não era. Não me olhem assim. Ele odiava viado! Odiava! Não odiava, seu Deli? (DANIEL, 1987, p. 289).

Os vizinhos parecem ser um bom alvo para a punição originada do suicídio daquela mulher. Seus olhares lhe chegavam carregados de discriminação, no entanto observamos que, pouco depois de correr sem rumo, amparada nos braços de Deli, será à sua mãe que ela direcionará sua agressão verbal e gestual.

Rita, não aceitando ver a filha nos braços daquele homem, que por ser homossexual, era por ela sempre apontado como um ser desprezível, então avança até eles e agride o rapaz dizendo:

“— Tira a mão de minha filha, seu porco, seu saco de Aids!” (DANIEL, 1987, p. 289). A resposta à agressão não veio de Deli, mas da sua filha. “— Eu não sou nenhum saco de Aids — reage com violência Judite — sua velha nojenta. Se eu peguei a peste do Nestor... foi por amor, sua bruxa sem entranhas.” (DANIEL, 1987, p. 289).

Rita tenta contornar a situação com um argumento divergente daquele utilizado pela filha, porém, diante da situação, seu argumento se fez tão fraco quanto aquele. “— Minha filhinha, mas eu... Ele era um frouxo. Não pode ter te contaminado.” (DANIEL, 1987, p. 290).

A viúva não silencia diante do que ouve da mãe e segue com sua explosão de ódio há muito recolhido. Continua tentando convencer os presentes de que amou e foi realmente muito amada pelo seu marido. “— Contaminou! Por amor! Muito amor [...] — Judite, rugindo, cospe várias vezes na mãe. — Vá! Toma! Agora é você que vai pegar. Eu vou cuspir ódio em você. Vou te apodrecer de Aids. Mas é por ódio. É por ódio!” (DANIEL, 1987, p. 290).

Depois da catarse, libertos os sentimentos e ideias há muito recalçados “Judite fica muito calma, nos braços de Deli.” (DANIEL, 1987, p. 290) — um alívio emocional.

Se é verdade que no ato daquela mulher há alguma fantasia de punição dirigida aos sobreviventes, e nos parece que de fato existe, tal fantasia não se restringe à mãe e ao pai, abrange também aqueles que presentes no velório, segundo a própria Judite – conforme vimos há pouco – com seus olhares, causaram-lhe temor.

Desde o velório de Nestor, ou até mesmo antes, aquela mulher passou a ser socialmente uma portadora de um estigma, era contada entre aquelas pessoas de quem se deveria desconfiar e se afastar. A imagem de si mesma, absorvida daquela

que o coletivo lhe destinara, a de uma pessoa morta, portanto, nada deveria esperar de acolhida afetiva, nem mesmo das pessoas com quem se relacionava – família, amigos e vizinhos. Acrescente-se a isto sua percepção de que todos aqueles acontecimentos sugeriam que sua morte física era só questão de tempo, na verdade, de pouco tempo.

Uma vez mais imaginamos o objeto confeccionado por Judite, ao qual também podemos associar suas palavras. “[...] ele vai me matar de tanto que me amava [...]” (DANIEL, 1987, p. 290). Ali, à corda sutilmente cosida com as roupas do falecido, imediatamente, colamos outras imagens de outrora. Em nossa memória, o final da década de 1980 e o início de 1990, a feitura das colchas do Projeto Nomes (*Names Project*). Nascido nos Estados Unidos, este projeto visava à preparação de colchas e através de suas exposições promover a sensibilização das pessoas para a questão da aids. Amigos e familiares de alguém falecido em consequência da aids se reuniam para confeccioná-las.

Para a feitura daquelas colchas matizadas, geralmente utilizavam-se coisas que trouxessem à lembrança peculiaridades dos seus entes queridos. Em um tamanho pré-estabelecido pelo Projeto Nomes a fim de facilitar as exposições, nelas poderíamos ver pequenos objetos, retalhos de roupas — às vezes até mesmo uma peça inteira —, frases, desenhos, poemas curtos, iniciais do nome da pessoa homenageada, trechos de letras de músicas favoritas, ou seja, uma brevíssima biografia, símbolo personificado, homenagem associada às denúncias da transformação das pessoas falecidas em apenas números — os números da aids no Brasil e no mundo.

Sensibilizar a população para o problema denunciado era a palavra de ordem. Afinal, cada ser humano é singular, especial, portador de um valor também singular e específico e isto precisava e precisa ser considerado a todo instante.

Muitas vezes, algumas daquelas colchas eram também exibidas numa Vigília celebrada no 3º. final de semana do mês de maio, em mais de quinhentas cidades de setenta e cinco países, inclusive no Brasil. O objetivo daquele evento em parte coincidia com o do Projeto Nomes, lembrar as pessoas falecidas e repudiar o modo como os governantes vinham lidando com o viver com HIV/aids, convidando, assim, a comunidade local a se mobilizar para reivindicar mais informações, prevenção e melhor assistência às pessoas acometidas pela síndrome (MARTINS, 2005).

Interessante como cada vez mais aumentava, naquelas manifestações públicas, o número de pessoas que passaram a usar no peito o laço vermelho. Estampado em campanhas em todo mundo, tornou-se um símbolo de solidariedade, comprometimento e mobilização.

Homenagem de um grupo de profissionais de arte de New York aos amigos mortos ou infectados pelo HIV, o laço foi criado, em 1991, e se popularizou desde o seu uso por artistas famosos que assumiram um compromisso com a luta anti-aids. A cor vermelha foi escolhida pelas reminiscências do sangue e da paixão. No laço duas pontas de uma fita unindo-se em um abraço, a solidariedade.

Em outra parte deste texto, reconhecendo o que nos foi apresentado pelo narrador, escrevemos que existiam mágoas, raivas antigas que reapareceram na explosão da viúva com sua mãe no velório de Nestor. Como então, não suspeitarmos que Judite tenha procurado com o casamento se libertar das sempre incômodas e perversas pressões da mãe? A união legal com um homem não poderia neste caso significar para ela a saída das garras da mãe, por ela qualificada como uma “[...] bruxa sem entranhas [...]” (DANIEL, 1987, p. 289) e do pai prudente em excesso?

Sair da vida, de uma vida encarcerada, dos descontroles e da falta de limites da mãe que tratava quase todas as pessoas como seres desprezíveis, inclusive, àquelas que estiveram tão próximas da viúva durante todo o velório. Parece-nos pertinente uma leitura do suicídio da viúva como uma fuga da mãe, do pai e dos membros da comunidade que já a rotulavam desde seus olhares carregados de medo e de seus afastamentos.

Fugir sim, para bem longe, pois durante o velório de Nestor, Judite “[...] chorou deixando correr lágrimas que formavam cordões de mágoa.” (DANIEL, 1987, p. 288), provavelmente já havia compreendido que acometida ou não pela aids, para ela viver seria cada vez mais difícil. Aqui, a metáfora cordões de lágrimas se associa perfeitamente ao instrumento usado por ela para se colocar fora da vida. Vemos então que a corda não foi escolhida por acaso na preparação gradual da trama.

Percebemos que a aids ainda permanece marcada pelas definições estreitas do tipo: contagiosa, incurável e mortal. Se tais termos expressam parte de uma verdade acerca da aids, estão longe de exprimir a verdade. Os pavores gerados pela ignorância dão origem às diferentes fantasias de transmissão da doença por contato imediato. E mais, funcionam como parte do alicerce da terceira epidemia, a

epidemia do pânico e dos preconceitos, que faz adoecer toda a sociedade, até porque toda ela se encontra no mesmo barco, o barco da aids biológica real ou imaginária. “Somos universalmente portadores, seja do HIV, seja do fantasma da aids.” (LENT; VALLE, 1997, p. 6).

As reflexões destes autores permaneceram distantes do que era vivenciado pela personagem Judite. Com o conflito instalado a partir dos acontecimentos daquele dia que, segundo o narrador, “[...] era muito, como as vozes [...]” (DANIEL, 1987, p. 287), ela compreendeu: já lhe haviam imposto a morte civil, da outra ela mesma se encarregaria dias depois, não a deixando sob a responsabilidade do tempo, dos preconceitos e das discriminações.

No velório de Nestor, “como um dia plural, as vozes demoraram um longo tempo até atingir Judite [...]” (DANIEL, 1987, p. 287), contudo, quando a atingiram, o fizeram com requinte de crueldade sem igual. E ainda que, sem saber o que diziam os presentes quase ausentes, posto que muito afastados dela e do féretro, “[...] observou que as vozes demoradas vinham de um considerável ajuntamento de curiosos que se mantinham à distância, no meio das quais a maioria das pessoas ela conhecia bem. Inclusive seu pai.” (DANIEL, 1987, p. 287).

Sem a consideração e a acolhida solidária dos pais, restou-lhe admirar

[...] a imensa coloração de flores muitas que a cercaram toda a noite. Inclusive esplêndidos girassóis. Lembrou-se de gente que sofria com ela, preocupada de estar ali, grave e digna, gente que atravessou a noite. Silenciosamente. Esta gente continuava à sua volta, como se protegessem Nestor da curiosidade dolorosa dos que estavam longe [...] (DANIEL, 1987, p. 287).

As pessoas sempre desprezadas por Rita – Deli, Miro, Val, Roi, Ia e Padre Félix – passaram a noite à volta de sua filha. Solidárias elas deixavam fluir a sensibilidade, o acolhimento, o carinho e o respeito à vida – sim à vida –, Judite estava viva. E garantiam as últimas homenagens ao falecido Nestor.

Justamente as pessoas que Rita não gostaria de encontrar no cemitério foram as que se responsabilizaram pela organização do velório e ofereceram à viúva aquilo que ela enquanto mãe deveria ter dado naquelas primeiras horas de luto – atenção, compreensão, carinho e talvez até um pouco de tranquilidade –, mas, nada disto, antes a mãe colaborou, e muito, para acelerar o estresse de Judite, deixando-a ainda mais vulnerável ao desequilíbrio emocional que não tardou a se manifestar.

A viúva decidiu que não iria inaugurar, ainda que apenas para os seus conhecidos, a fila das mulheres vivendo com aids. Aliás, Judite é do tempo em que ainda não era possível a escrita de **O amor que rouba os sonhos**: um estudo sobre a exposição feminina ao HIV (CARVALHO, 2003).

No texto do psicanalista João Alberto Carvalho (2003) encontramos uma reflexão sobre o patriarcalismo com sua ideia de relação de gênero como parte de uma estrutura hierárquica e a tradição do conhecido amor romântico marcado pelas ideias de que há um outro que completa cada pessoa. Há na relação algo perene, de eterno mesmo e capaz de exigir incondicionalidade. Deste modo, vê-se que a realidade vivenciada pela mulher que, tendo uma relação de amor estável, é aquela em que tal mulher apresenta uma enorme dificuldade de argumentar o uso do preservativo com o parceiro. Um laço perfeito: subjetividade e cultura.

No bojo de sua ação, o silêncio do discurso, a mulher parece deter o poder de criar o real, daí nosso entendimento de que o seu agir é antagônico ao das **Cobaias de Deus**. Judite não solicita “[...] traga uma corda irmão, irmão a-corda [...]” (CAZUZA; RÔ RÔ, 1999), é ela mesma quem não apenas pega a corda e executa o ato como também prepara delicadamente o objeto, contudo, baseado no que disse Rita ao padre Félix e Roi dias após a morte da filha “[...] minha filha cuspiu em mim. Me odiou e morreu [...]” (DANIEL, 1987, p. 307), é possível pensar que sem o marido, afastada e com ódio de Rita que, provavelmente lhe dificultava o acesso das pessoas, principalmente as ligadas ao Deli, é possível que a viúva em conformidade com as Cobaias de Deus, tenha vivido muito só naqueles seus últimos dias.

Solidão, distanciamento, silêncio do discurso, passagem ao ato. O enforcamento daquela mulher nos convida a uma tentativa de pensar o seu processo do morrer como algo semelhante ao de Judas Iscariotes. Convite feito, convite aceito passamos mais uma vez a inventar um modo de fazer deste novo caminho-discurso parte do outro maior já em curso. Consideramos como Pires (2006, p. 171) que “[...] pesquisar um texto (seja ele verbal ou não verbal) é também tecê-lo, retecê-lo, enfim, reescrevê-lo em uma deriva plural e viva que não cessa.”

A narrativa do Evangelho segundo São Mateus conta que, quando o apóstolo soube da condenação de Jesus, sentiu remorsos e tentou devolver aos sumos sacerdotes o dinheiro recebido pela traição, o que não foi por eles aceito; “[...] ele, atirando as moedas ao Templo, retirou-se e foi se enforcar.” (BÍBLIA, Mt 27,5).

Reparando bem, o ato de Judite, guarda mais em comum com o suicídio de Judas que apenas o enforcamento. Certamente não estamos tentando coadunar o ato dos dois ou afirmar que ambos tinham os mesmos motivos. Os mesmos não, mas algumas semelhanças é difícil negar.

Como Judas, Judite não enxergou mais possibilidades na vida. O narrador conta que ela se entupiu de lembranças de alguém que jamais amou realmente, esta informação relevante nos sugere o desvelar um outro motivo para busca da morte pela viúva. Tais lembranças poderiam ter funcionado como um despertar da culpa pelo fato de não ter amado o seu companheiro. Da culpa ao remorso e dele à necessidade de ser desculpada, perdoada. Nestor já estava morto e enterrado, mas será que no pensar e no sentir de Judite isto ocorreu de fato?

Fazendo-se ficar cheia de lembranças em todos os orifícios de seu corpo com objetos do homem que não amou, não estaria tentando obter o perdão do falecido por não ter lhe dedicado o devido amor? Talvez numa primeira abordagem nos assustaríamos com uma resposta afirmativa, contudo é mister compreendermos que expressar o pedido de perdão é muito comum nestes casos. E assim sendo, a escolha do enforcamento por Judite indicaria muito mais aproximação com o remorso de Judas do que enxergávamos em um primeiro olhar.

“[...] Miro, você é muito novo. Sou uma mulher infeccionada. Não fique perto da gente. Eu e seu Deli estamos abraçando o amor de Nestor e estamos com Aids.” (DANIEL, 1987, p. 290). Assim falou Judite logo após o confronto com a mãe, episódio que foi seguido da iniciativa do jovem Miro de ajudar o seu amigo Deli a conduzi-la no cemitério. Nota-se que há no discurso da enlutada uma insistência no tema da infecção. Pouco antes, ela já havia solicitado a Deli que não a tocasse pois poderia lhe contagiar, ao que ele respondeu: “— Não tenho medo, dona Judite [...] se a senhora não tem medo de que eu lhe contagie, posso ficar abraçado, porque amor a gente tem que abraçar...” (DANIEL, 1987, p. 290). O amor a que Deli se refere é o da viúva pelo falecido.

Recorrente no discurso da viúva durante o velório, o amor por Nestor surge em uma de suas falas como uma exemplar conexão com a cena do suicídio descrita pelo narrador, quando, mais uma vez, dirigindo-se a Rita, ela diz: “[...] Eu estou estufada de Aids, que é de amor, em todos os meus buracos. Ele me enchia de Aids, todos os dias [...]” (DANIEL, 1987, p. 290, grifo nosso).

A partir da exposição sobre a inquietação daquela mulher durante o velório, suspeitamos que sua trilha seja a preocupação com a ausência de sensibilidade, de solicitude, de atenção e de compaixão das pessoas a que ela se percebia exposta a partir de então, daí a recorrência do tema da contaminação em seu discurso.

A maioria dos seus vizinhos se limitava a dizer — “matou-se de medo da peste.” (DANIEL, 1987, p. 294). O que foi feito por Judite propiciou emergir mais inquietações no próprio povo, pois cada um (inclusive nós que escrevemos e você leitor que agora nos acompanha nesta jornada–perscrutação), ao refletir sobre a morte de Judite esbarra em sua impotência diante do processo do morrer escolhido por aquela mulher e, para além desta perplexidade constatada em si mesmo, o sujeito termina se vendo obrigado a constatar que o suicídio é uma possibilidade também para si.

O dispor da própria vida não era privilégio da viúva de Nestor, de fato era/é uma questão de todos. Para Camus (s/d), ele é o único problema filosófico sério. A exigência é examinar se a vida vale ou não a pena ser vivida. O suicídio é considerado pelo autor, o único problema existencial realmente sério, dado que a entrada na morte não pertence mais ao destino e sim ao próprio sujeito.

Os conhecidos da viúva presentes no cemitério durante o seu enterro passam a ter a inquietação como companheira, porque sabedores e divulgadores daquilo que para eles tornara-se um objetivo de grande preocupação “[...] a Aids se espalha!” (DANIEL, 1987, p. 294). Como um enorme desmancha prazeres, a Aids está no meio de nós. Saiu daquele lugar distante onde o discurso inicial a havia colocado – entre os gueis², os usuários de drogas, os artistas etc. – e se estabeleceu na vila, ou mais que isto, na vida, em outras vidas. Instalou-se, veja só, até mesmo no corpo de mulher.

De volta ao começo, uma vez que é impossível olvidar as palavras da narrativa – enforcou-se, suicídio quieto. A impressão que temos – o narrador tem razão ao ser sucinto. Enquanto ato acabado, não existe o que ser pronunciado e/ou interpretado do suicídio, contudo ousamos contrariar esta impressão citando aqui as palavras de Neves (1984, p. 218-219)

² Em conformidade com os escritos de Herbert Daniel, optamos por usar neste trabalho a palavra “guei” e não aquela em inglês – *gay*. A escolha do escritor salienta o contexto sociocultural e político no qual, as homossexualidades masculinas encontram-se inseridas em nosso país.

Dentro de uma visão realmente psicanalítica, acredita-se que o suicídio é uma situação psicótica [...] Digo que o caracteriza como 'psicótica' a atuação suicida é a reativação de núcleos e componentes psicóticos de personalidade (e quem não os tem, em algum lugar, em algum grau?!) que, podendo permanecer inativos e neutralizados pelas partes não psicóticas de personalidade, por motivos específicos, podem se manifestar em determinados momentos. Esta emergência das partes psicóticas da personalidade pode se fazer tanto de modo súbito, brusco e violento, como de modo lento e gradual.

Do que acabamos de ler, nosso interesse para transitar ainda um pouco mais pelos caminhos que nos está levando à morte de Judite, se localiza particularmente na frase que o autor colocou entre parênteses e encerrou com interrogação e exclamação. Assumir que todos nós somos portadores de núcleos psicóticos de personalidade em algum espaço e/ou grau, ajuda-nos a confirmar quão complexo é o tema do suicídio. Se é comum o escamotear o discurso sobre a morte, mais ainda ele se faz quando o que está em pauta é o dar a morte a si mesmo. O tema não é da personagem Judite, não é do outro, é nosso.

O — nosso — aqui reivindica um entendimento mais amplo, ou seja, compreender que a problemática dos atos suicidas é plurideterminada, carece de uma reflexão que contemple não só aquilo que a lente de uma ciência alcance, mas também que se abra às considerações oriundas das teorias das diversas ciências que se debruçam sobre a questão.

[...] O suicídio deve ser encarado como um ato multidimensionado e multideterminado, que ocorre como ponto máximo de tensão dentro de uma situação de crise, a qual, por sua vez, é emergente de um panorama existencial complexo e bastante tumultuado, e tem como objetivo a morte. (NEVES, 1984. p. 218).

Convidativa, a escritura da aids possibilita a multiplicação de temas e questões. Associá-la ao suicídio, outra temática multiplicadora de temas, faz-nos observar o quanto um e outro são capazes de mobilizar o mundo interno, a alma das pessoas, e no caso da trama, a experiência subjetiva das personagens, por isso, a entrada de Judite na morte deve ser tomada como um ato multidimensionado que impõe aos sobreviventes empreenderem, uma vez mais, a reflexão sobre o significado de suas próprias vidas. Afinal, “[...] a Aids se espalha!” (DANIEL, 1987, p. 294), é este o comentário durante a última oração do rito fúnebre da viúva do Nestor, contudo, se ela se espalha, a vida não para, segue avante.

Aids, vida e morte surgem na trama relacionadas entre si. Alguns homens e mulheres empenharam-se, desde os ritos fúnebres de Judite, em ressignificar suas vidas, outros continuaram dedicando suas vidas aos mesmos afazeres, pensamentos e sentimentos e ainda sustentando atitudes de outrora, no entanto, nada disso impediu que muito sucedesse desde então.

A vida com suas luzes e sombras, nunca se faz inerte, e na narrativa, o ato da viúva costura vida, aids e morte. Se a corda de Judite não foi capaz de enforcar e levar à morte ideias equivocadas acerca do vírus, da síndrome, da epidemia, da vida, do poder e do ser humano, é certo que ela acordou para a vida algumas personagens adormecidas pela falta de esperança em novos tempos, pelo pânico ou mesmo pelo comodismo. Assim, podemos pensar que o suicídio de Judite, para além da morte, fez-se provocador de vida e de discursos dela contempladores.

REFERÊNCIAS

ANTONIAZZI, A. O suicídio na doutrina católica. In: D'ASSUMPÇÃO, Edvaldo Alves (Coord.). **Morte e suicídio: uma abordagem multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 222-225.

ASSIS, M. de. **Esaú e Jacó**. Goiânia: Planeta, 2004.

_____. Helena. In: _____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1991. v.1.

BESSA, A. P. B. **As correspondências nos romances de Machado de Assis**. 2004. 156f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2004.

BÍBLIA. Português. 1962. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. 4. ed. São Paulo: Ave Maria, 1962.

CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. Lisboa: Presença, s/d.

CARVALHO, J. A. **O amor que rouba os sonhos: um estudo sobre a exposição feminina ao HIV**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CAZUZA; RÔ RÔ, A. Cobiças de Deus. Intérprete: Angela Rô Rô. In: RÔ RÔ, Angela. **Milênium Angela RÔ RÔ**. 1999. Polydor, 1999. 1 CD. Faixa 14.

DANIEL, H. **Alegres e irresponsáveis abacaxis americanos**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

_____. **Vida antes da morte**. Rio de Janeiro: Jaboti, 1989.

LENT, C. F.; VALLE, A. do. (Org.). **Pontes: AIDS e Assistência**. Rio de Janeiro: Banco de Horas do IDAC, 1997.

MARTINS, A. C. B. **O processo de ressignificação da vida por pessoas infectadas pelo HIV**. 2005. 153 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

MORICONI, I. **Urgência, orgia, escrita da AIDS**. Disponível em <<http://www.cronopios.com.br/site/colunistas.asp?id=1746>>. Acesso em: 19 set. 2007.

NEVES, F. J. de L. O suicídio na perspectiva psicanalítica. In: D'ASSUMPÇÃO, Edvaldo Alves (coord.). **Morte e suicídio: uma abordagem multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 218-221.

OLIVEIRA, P. R. Estudos de igreja e conflitos religiosos. In: SANCHIS, Pierre (org.). **Catolicismo: modernidade e tradição**. São Paulo: Loyola, 1992, p. 44-45.

PIRES, A. M. G. D. Metodologia do devir. In: **Verbo de Minas: Letras**, Juiz de Fora, v. 5, n. 9, p. 169-179, jan./jun. 2006.